



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

PROPOSTA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA PARA O ESTUDO
DA VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DE TRATAMENTO
TÚ E *USTED*



A PROPOSAL OF STYLISTIC ANALYSIS FOR THE STUDY
OF THE VARIATION BETWEEN THE TREATMENT
FORMS *TÚ* AND *USTED*

Valdecy de Oliveira PONTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Brasil

José Victor Melo de LIMA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 27/02/2018 • APROVADO EM 05/04/2018

Resumo

Apontada por vários autores, entre eles Hora (2014), a dimensão estilística da variação tem sido abordada de maneira superficial nos estudos sociolinguísticos. Esse aspecto é ainda mais evidente quando se trata da alternância entre as formas de tratamento no espanhol, haja vista que o número de pesquisas que controlam fatores dessa natureza é bastante limitado na literatura sobre essa temática. Diante disso, o presente artigo propõe uma análise estilística aplicada à variação entre formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol peninsular; variedade essa que, como apontam Calderón Campos e Medina Morales (2010), conta com uma escassa bibliografia de estudos variacionistas quando comparada com outras variedades do espanhol. Contamos com o aporte teórico de Labov (1972, 2001, 2008), Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002), os quais apresentam diferentes abordagens da variação estilística. Ademais, abordamos, sumariamente, a dimensão estilística nos estudos sobre as formas de tratamento na língua espanhola. Finalmente, propomos uma metodologia de análise da variação entre as formas mencionadas a partir das variáveis estilísticas: *estilo discursivo, complexidade do assunto e relação de proximidade entre os interlocutores*, a ser aplicada e testada em pesquisas futuras. Esperamos, com esse estudo, contribuir para as discussões e reflexões sobre a variação estilística nas formas de tratamento no mundo hispano, assim como oportunizar novas possibilidades de análise desses fenômenos.

Abstract

Pointed out by several authors, among them Hora (2014), the stylistic dimension of variation has been superficially addressed in sociolinguistic studies. This is even more evident when it comes to the alternation between the treatment forms in Spanish, given that the amount of researches which control factors of this nature are very limited regarding the literature on this topic. Therefore, this paper proposes a stylistic analysis applied to the variation between the treatment forms *tú* and *usted* in peninsular Spanish; about this variety, as Calderón Campos and Medina Morales (2010) point out, there is only a scarce bibliography of variationist studies when it is compared to other varieties of Spanish. We have the theoretical contribution of Labov (1972, 2001, 2008), Bell (1984), Eckert (2001) and Schilling-Estes (2002), who present different approaches to stylistic variation. Moreover, we briefly discuss the stylistic dimension in the studies on the treatment forms in Spanish. Finally, we propose a methodology of analysis of the variations between the mentioned forms from the stylistic variable: *discursive style, complexity of the subject and the relation between the interlocutors*, to be applied and tested in future research. We deeply hope, with this study, to contribute to the discussions and reflections on the stylistic variation regarding the treatment forms in the Hispanic world, as well as to offer new possibilities of analysis of these phenomena.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Variação Estilística. Formas de Tratamento. *Tú* e *usted*.

KEYWORDS: Stylistic Variation. Treatment Forms. *Tú* and *usted*.

INTRODUÇÃO

O estudo das formas de tratamento da língua espanhola não é tarefa fácil. A grande extensão territorial, onde o espanhol é língua oficial, confere a essa uma expressiva variabilidade em todos os seus níveis e, no que se refere ao modo de dirigir-se ao interlocutor, torna essa temática ainda mais complexa. Ora, claro está que essas formas estão, intimamente, ligadas às atitudes do falante em relação ao outro que participa na interação, assim como são mediadas pelas práticas sociais inerentes a sua comunidade linguística. Desse modo, é de esperar-se que as formas de tratamento no mundo hispano sejam de difícil abordagem, posto que, apreender todas as nuances nos mais variados usos dessas formas, constitui um desafio para o linguista.

A despeito dessa complexidade, evidenciada por autores como Fontanella de Weinberg (1999), pululam os trabalhos que tentam dar conta da variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa, a saber, *tú*, *vos*, *usted*, sendo esse um tema clássico nas pesquisas sociolinguísticas. No entanto, o estudo dessas formas no âmbito da variedade peninsular, em comparação com outras variedades do espanhol, é visivelmente inferior a essas, como aludem Calderón Campos e Medina Morales (2010).

Os autores supracitados também aclaram que os estudos variacionistas de formas como *tú* e *usted* carecem de abordagens metodológicas diferentes das que vêm sendo utilizadas, tendo em vista que essas formas são abordadas considerando apenas fatores como idade, sexo e parentesco. Fatores como o contexto, a situação ou atitudes linguísticas do falante, na visão desses autores, não são levadas em consideração em pesquisas dessa natureza. De modo análogo, Aijón Oliva (2009) salienta que os fatores socioestilísticos e cognitivos, que participam na escolha de uma forma ou outra, são pouco conhecidos e desprovidos de explicação teórica.

Em face dessa problemática, acreditamos que se as formas de tratamento, possivelmente, carregam o aspecto mais social se comparadas com outros elementos gramaticais, tal como observa Aijón Oliva (2009), é basilar que busquemos explicações para a sua variação não só nas motivações oriundas das características sociais do falante, mas, principalmente, nos outros vários elementos que circundam a situação comunicativa. Um viés de análise bastante pertinente que responde a algumas dessa e de outras lacunas levantadas anteriormente, trata-se da abordagem da dimensão estilística da variação.

Apesar de revelar-se um condicionador extremamente relevante, o tratamento dado ao estilo, nos estudos variacionistas, possui um histórico de superficialidade. No Brasil, por exemplo, Hora (2014, p. 20) assevera que “pouca atenção se prestou ao papel do estilo do falante quando da escolha de uma ou outra variante”. Quando passamos para o estudo da variação entre as formas de tratamento no mundo hispano, essa aparente escassez fica ainda mais evidente,

pois são pouquíssimos os estudos que verificam a influência de variáveis estilísticas agindo sobre a alternância entre essas formas.

O quadro apresentado nos parece mais que suficiente para debruçarmos-nos sobre fatores estilísticos que possam incidir na escolha, pelo falante, de uma forma ou outra para reportar-se ao seu interlocutor. Filiamo-nos ao pensamento de Aijón Oliva (2009) ao defender que essa atitude é mediada, antes de tudo, por uma questão de estilo. Desse modo, o presente artigo objetiva apresentar uma proposta metodológica de análise estilística da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*, no espanhol peninsular. A opção por trabalhar com essa variedade se justifica pelo que já expomos anteriormente, ou seja, a escassez de trabalhos, sobre esses pronomes, nessa variedade.

Com vistas à revisão da literatura sobre a variação estilística, abordaremos, na seção subsequente, três diferentes abordagens que, apesar de divergirem, não se excluem, mas nos oferecem uma visão multidirecional de análise estilística. Referimo-nos aos estudos de Labov (1972, 2001, 2008), Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002). Em seguida, resenharemos, sumariamente, alguns trabalhos que buscam, na variação estilística, respostas para a variação entre as formas de tratamento da língua espanhola. Finalmente, apresentamos algumas possibilidades de análise estilística para as formas de tratamento *tú* e *usted*.

1 A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS: A NOÇÃO DE ESTILO E SUAS PRINCIPAIS ABORDAGENS

De início, a palavra estilo tomada em seu sentido amplo abarca diferentes definições. Martins (2008), por exemplo, indica que esse termo é usado na atualidade para se referir a tudo que possui características particulares, desde coisas mais banais e concretas a criações artísticas de grande prestígio. No âmbito da linguagem, esse termo passou a se difundir a partir da segunda metade do século XX, como objeto de estudo da disciplina Estilística (HORA, 2014). O foco dessa área de estudo estava nos diferentes tipos de textos, uma vez que, nesse período, a corrente linguística que predominava era o Estruturalismo e essa se preocupava, em especial, com as propriedades estruturais do texto a partir de uma perspectiva fonológica.

Mattoso Câmara (1952 *apud* MARTINS, 2008), renomado linguista, também se ocupou da Estilística em suas obras e a entendia como uma disciplina complementar da Gramática. Enquanto a gramática estuda a língua como um meio de representação, a Estilística se ocupa com a expressão dos estados psíquicos. Desta forma, a Linguística, tomada em seu sentido amplo, abrange tanto a Gramática quanto a Estilística e, se a considerarmos em seu sentido restrito, apenas a Gramática. Para o autor, ao usar a língua, o falante a altera para exprimir determinadas emoções e agir sobre o outro, desse modo, é essa atitude do falante que ele entende por estilo.

Como afirmamos anteriormente, as concepções de estilo são numerosas e irão variar de acordo com a perspectiva e os critérios assumidos quando da sua

abordagem. Destarte, como não é objetivo desse trabalho resenhar as diferentes definições para esse termo, direcionamos a noção de estilo para o âmbito dos estudos em que se insere a nossa pesquisa.

Na literatura disponível sobre os estudos variacionistas, encontramos em Bagno (2017, p. 122) a seguinte definição de estilo: “um modo distintivo de falar ou escrever”. Isso significa que os indivíduos utilizam diferentes estilos, ou seja, diferentes maneiras, em diferentes contextos ao longo de suas práticas sociais. Por exemplo, no âmbito da fala, um indivíduo utiliza estratégias linguísticas diferentes para se dirigir a um professor ou a um companheiro de classe. A depender do tema, as escolhas linguísticas, também, poderão variar. Conforme explica Bagno (2017), o tipo de estilo utilizado poderá variar de acordo com os níveis linguísticos. Deste modo, o indivíduo altera o léxico, a gramática ou a pronúncia, por exemplo, em função do público-alvo e da situação comunicativa.

Definições similares são encontradas em Lefebvre (2001) que, após uma revisão bibliográfica, afirma que a noção de estilo tem se dividido em duas tendências nos estudos sociolinguísticos. A primeira delas se alinha à definição apresentada anteriormente, pois entende o estilo como códigos que estão disponíveis aos falantes de uma determinada comunidade linguística. A escolha entre um código ou outro, tanto no âmbito social ou cultural, está ligada a diversos fatores que variam a depender da comunidade. A segunda tendência se aproxima da noção de estilo para Labov. Lefebvre (2001, p. 205) nos diz que os diversos estilos, com os quais o falante opera, são entendidos como um “desvio em relação ao seu estilo de base, isto é, o vernáculo”. Desse modo, para obter um estilo apropriado em determinadas situações, o falante deverá ter um maior monitoramento da sua fala. Essa noção de estilo será mais bem detalhada a seguir.

O estudo da variação estilística a partir de uma perspectiva quantitativa tem como marco inicial o trabalho de William Labov sobre a fala dos cidadãos de Nova Iorque. É a Labov que se atribui a inclusão, nos estudos sociolinguísticos, do estilo como condicionador da variação. Segundo Görski e Valle (2014), os estudos sobre a variação retrocitada se caracterizam a partir de três abordagens principais: uma voltada para atenção prestada à fala e proposta por Labov (*Attention to speech*) (1972, 2001, 2008); outra focalizada na audiência (*Audience Design*), proposta por Bell (1984) e uma última que se volta para a identidade do falante (*Speaker Design*) proposta por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002).

Ao propor uma análise estilística da variação, Labov (1972) centra seu estudo na atenção prestada à fala. Para o autor, interessava-lhe analisar o vernáculo do falante, ou seja, a fala mais espontânea, pois é nesta onde se pode perceber a variação linguística. Desse modo, a entrevista sociolinguística é estabelecida como o *locus* para a análise sistemática da variação, ou seja, é o método de coleta mais idôneo para se chegar ao vernáculo do falante. Nesse ponto, fica perceptível que a análise da variação empreendida por Labov (1972) se dá no âmbito do falante, ou seja, a variação é *intrafalante*. Em outras palavras, a análise da variação estilística era feita a partir da fala de um único indivíduo e, posteriormente, reunindo-se os resultados de todos os indivíduos, Labov (1972) chegava ao seu objetivo, isto é, verificar as regularidades na comunidade de fala de fenômenos variáveis (*variação interfalante*).

No estudo sobre a variação fonológica entre as variáveis (r), (eh), (oh), (th) e (dh), realizado na cidade de Nova Iorque, o linguista relaciona a variação estilística a uma estratificação socioeconômica, na qual a variedade de prestígio estaria no topo de um *continuum* estabelecido para cada falante, e a forma estigmatizada estaria em um nível mais baixo. Desse modo, “a atividade linguística do falante estava diretamente ligada a sua posição hierárquica socioeconômica” (HORA, 2014, p. 23). Labov (1972) estabelece, ao longo desse *continuum*, níveis de formalidade e informalidade a fim de perceber as mudanças na língua à medida que o estilo fosse alterado. O parâmetro de medição para perceber essa alternância estava no grau de monitoramento que o falante exercia em sua fala.

Os níveis supramencionados compõem um dos recursos metodológicos elaborados por Labov (1972, 2008), entre as décadas de 60 e 70, em seu modelo de análise contextual. Ao estabelecer níveis de formalidade e informalidade na entrevista sociolinguística, Labov procurava isolar e controlar contextos a partir dos quais pudesse definir os estilos de fala presentes nesses contextos e chegar às regularidades da variação. Essa técnica é designada como isolamento de estilos contextuais. Sendo assim, a entrevista sociolinguística era segmentada em “estilos contextuais”, relacionados ao grau de monitoramento da fala, “como um modo de organizar a variação *intrafalante*” (GÖRSKI; VALLE, 2014, p. 71).

Os diferentes tipos de contextos foram assim definidos: contexto A₁ (fala fora da entrevista formal – compreende a fala que está fora da entrevista propriamente dita, por exemplo, uma interrupção ou quando o falante oferece alguma bebida); contexto A₂ (fala com uma terceira pessoa); contexto A₃ (fala que não responde diretamente a perguntas, isto é, digressões, interrupções rápidas ou retóricas etc.); contexto A₄ (parlendas e rimas infantis); contexto A₅ (risco de vida); contexto B (É parte principal da entrevista e constitui o estilo identificado como *fala monitorada*); contexto C (estilo de leitura. O informante realiza a leitura de textos padronizados nos quais se concentram variáveis fonológicas em parágrafos sucessivos ou pode haver trechos justapondo pares mínimos); contexto D (leitura de listas de palavras com as variáveis que se pretende analisar) e contexto D’ (leitura de listas de palavras com pares mínimos que marcam, como diferença, apenas um elemento fonêmico) (LABOV, 1972, 2008, *passim*). Diante disso, pode-se perceber que os estilos contextuais se estendem desde níveis menos formais a níveis mais formais.

Conforme Görski e Valle (2014), apesar das diferenças nos valores absolutos para cada indivíduo, a análise dos estilos contextuais, em conjunto, permitiu a Labov identificar padrões de variação na fala nova-iorquina. Coelho e Nunes de Souza (2014) citam o exemplo da pronúncia do (r) pós-vocálico em palavras como *car*, *beer*, *guard*, para as quais se mantiveram a estratificação social em cada nível estilístico. O estudo revela, assim, a relevância dos padrões estilísticos e sociais quando associados aos estilos contextuais. No entanto, esta não foi a única técnica metodológica laboviana na busca pelas regularidades estilísticas.

Labov (2001) refina os contextos da abordagem de *isolamento de estilos contextuais* e estabelece outro modelo de análise denominado de *árvore de decisão*. Assumindo, ainda, que as alternâncias estilísticas estão ligadas ao grau de

monitoramento que o falante tem sobre a fala, o sociolinguista propõe oito subcategorias de análise nas entrevistas sociolinguísticas, as quais continuam como o recurso mais adequado para obtenção do vernáculo. Nessa abordagem, Labov considera duas dimensões estilísticas da fala, uma mais casual (*casual speech*) na qual há menos monitoramento da fala por parte do falante, e outra de fala mais cuidada (*careful speech*), caracterizada pelo estilo de fala mais formal. Ambas as categorias recebem quatro contextos estilísticos que determinam situações dentro da entrevista e, nesta, são dispostas pelo grau mais alto de objetividade ao mais baixo. Compõem a categoria de fala casual, os contextos: *narrativa* (narrativas orais de experiência pessoal); *grupo* (fala direcionada a outros interlocutores fora da entrevista formal); *infância* (narrativas de infância); *tangente* (são as digressões, trechos de fala do entrevistado que foge ao núcleo temático por interesse desse). Por outro lado, na categoria de fala monitorada, tem-se: *resposta* (o primeiro enunciado que segue a fala do entrevistador); *língua(gem)* (falas que abordam aspectos linguísticos); *soapbox* (quando o entrevistado opina de maneira genérica, dirigindo-se não diretamente ao entrevistador, mas como se fosse para um público mais amplo) e *residual* (consiste em todos as falas da entrevista que não se encaixam em nenhum dos outros contextos).

Segundo Dantas e Gibson (2014), considerando o grau de objetividade desses contextos estilísticos, do menos objetivo ao mais objetivo, tem-se a seguinte escala: *resposta*, *narrativa*, *língua(gem)*, *grupo*, *soapbox*, *infância*, *tangente* e *residual*. Desse modo, para proceder com a análise estilística a partir da *árvore de decisão*, o pesquisador deve associar os trechos de fala do entrevistado a, apenas, uma única subcategoria apresentada anteriormente, iniciando pelos contextos com menor objetividade. Seguindo os critérios de decisão da árvore, quando há correspondência, nessa associação, termina-se a análise. Por outro lado, quando não há correspondência, segue-se a análise com os demais contextos até chegar-se a subcategoria residual. Como Labov opera com dois tipos de estilos, conforme adiantado, ao se proceder dessa maneira, os trechos são atribuídos a uma fala monitorada ou estilo de fala casual.

O *modelo de análise contextual* de Labov não ficou isento de críticas. Dantas e Gibson (2014) e Coelho e Nunes de Souza (2014), por exemplo, criticam o fato de o sociolinguista norte-americano analisar a variação estilística considerando apenas o grau de atenção prestado à fala pelo falante. Aqueles autores alegam que, na entrevista, outras condições aparecem na dimensão discursiva da entrevista, no entanto, os trechos de fala são analisados mediante, apenas, o critério de decisão para cada estilo contextual.

Outras críticas foram feitas, por exemplo, por Bell, sociolinguista neozelandês, que criticou as estratégias utilizadas por Labov para obter a fala casual dos falantes. Labov utilizava nas entrevistas, como mencionado, a leitura de textos, listas de palavras e pares mínimos, por exemplo. Bell (1984) considera essas situações como estilos “artificiais” quando afirma que, em uma situação comunicativa espontânea, é muito difícil que o falante produza esse tipo de estilo. Dito de outra forma, o estilo observado quando o indivíduo lê uma lista de palavras só acontece quando um indivíduo lê uma lista de palavras. Igualmente, o estilo

usado ao se ler pares mínimos, só será realizado quando o falante lê uma lista de pares mínimos, o que o autor julga ser bastante incomum (BELL, 1984). O pesquisador expõe alguns estudos que comprovam a falta de correlação entre menos atenção e menos fala formal, e, dessa forma, põe em dúvidas os postulados labovianos. Por citar alguns exemplos, o autor menciona as pesquisas de Rickford (1979 *apud* BELL, 1984), no Crioulo basilectal, e Wolfram (1981 *apud* BELL, 1984), no inglês apalachiano, as quais demonstram que a atenção prestada à fala aumenta e não diminui quando o falante altera o seu estilo para a fala menos formal. Em pesquisa realizada na Nova Zelândia (em 1977) sobre a linguagem da radio, Bell comprova que locutores que trabalham no mesmo estúdio de transmissão, produzem estilos diferentes quando leem as notícias para estações de transmissão diferentes. Cutillas Espinosa (2003) afirma que alternâncias como essas não podem ser interpretadas como mudança no nível de atenção.

Dessa forma, conforme Hora (2014), nos anos posteriores ao trabalho de Labov (1972, 2008) que abriu caminho para o estudo do estilo, há uma mudança de foco e as pesquisas passam a focalizar a influência que o interlocutor exerce na escolha de uma forma ou outra pelo falante. Hora (2014) nos diz que a teoria da acomodação proposta por Howard Giles, e outros, é um desses exemplos de pesquisa. Essa teoria oferece as bases para Bell propor, em artigo publicado em 1984, o seu modelo de análise metodológica da variação estilística, conhecido como *Audience Design*.

Bell (1984) sustenta que as mudanças estilísticas do falante sofrem influência de seus interlocutores, ou seja, sua audiência. Essa premissa constitui o axioma estilístico de sua proposta, como podemos observar no seguinte excerto: "*Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the 'social' dimension*"¹ (BELL, 1984, p. 151, grifo do autor). Desse modo, o pesquisador faz distinção entre dois tipos de variação, já mencionadas em nosso trabalho: a *variação intrafalante* e a *variação interfalante*. Fazendo coro a Bell (1984), o primeiro tipo de variação é uma resposta para o segundo.

Seguindo Hora e Wetzels (2011), para justificar o foco na audiência em sua proposta, Bell (1984) argumentou que, nos estudos variacionistas, a tendência era estabelecer uma relação entre a dimensão social e os fatores sociais (classe social, idade etc.) que podem ser estratificados em um indivíduo. Não obstante, se a dimensão estilística é oriunda da dimensão social, conforme se pode depreender do excerto acima expresso, essa também pode ser correlacionada aos atributos da pessoa. Porém, em sua proposta, a dimensão estilística está relacionada com os atributos do ouvinte e não com os do falante.

Essa postura metodológica de considerar, em primeiro plano, o ouvinte e não o falante fica mais evidente quando Bell (1984) estabelece uma relação de causa e efeito em três níveis. O primeiro ocorre desde uma perspectiva sincrônica para um único falante que, em determinadas situações, altera o seu estilo para soar, linguisticamente, como outro falante. O segundo nível opera diacronicamente para um falante individual que, no curso do tempo, altera o seu discurso para se assemelhar a outros grupos, por exemplo, quando o falante se muda para outra região com dialeto diferente. O terceiro nível se assemelha ao segundo, no entanto,

opera para todo um grupo de falantes que altera a sua fala para se aproximar da fala de outro grupo.

A partir disso, Bell (1984) estabelece diferentes tipos de interlocutores os quais, dependendo da proximidade com o falante, exercem mais ou menos influência sobre a variação estilística. Desse modo, os tipos de interlocutores são os que se seguem: *addressee*, *auditor*, *overhearer*, *eavesdropper*. Bell não considera apenas o interlocutor, ou seja, o destinatário (segunda pessoa), mas inclui, nesse grupo, as terceiras pessoas. Sendo assim, o primeiro grupo (*addressee*) é formado por ouvintes que são conhecidos, ratificados e endereçados, ou seja, a segunda pessoa; no segundo grupo (*auditor*), os interlocutores são conhecidos e ratificados pelo falante, mas não diretamente endereçados; no terceiro (*overhearer*) estão os ouvintes de cuja presença o falante tem consciência, mas não são ratificados e, no quarto grupo (*eavesdropper*), estão os ouvintes, cuja presença o falante não ratifica e da qual não tem consciência.

De acordo com Cutillas Espinosa (2003), é essa referência à audiência que explica toda a mudança estilística. Quanto mais próxima for a audiência do falante, mais influência exercerá no modo como esse se comporta linguisticamente.

Sobre esse modelo de análise, Hora e Wetzels (2011) ponderam, a partir da literatura, que apesar de a teoria contemplar a dimensão iniciativa do falante, é um modelo com uma dimensão responsiva ainda muito forte. Além disso, embora tenha feito críticas à proposta de Labov, Bell (1984), tal como o sociolinguista norte-americano, oferece um modelo unidimensional, com foco, especialmente, na audiência. Apesar disso, cumpre ressaltar que, na visão de Eckert e Rickford (2001), Bell estabelece uma nova visão no que se refere à mudança de estilo.

Analisando os estudos variacionistas desde os seus primórdios com os trabalhos de Labov, Eckert (2012) classifica-os em três períodos denominados como “ondas”. A autora ressalta que essas três perspectivas de análise não se excluem entre si, ou seja, uma abordagem não invalida a outra, mas fazem parte de um todo. Tampouco, são períodos que se sucedem no tempo, mas são formas de classificar as pesquisas sociolinguísticas a partir do modo como elas abordam os fenômenos linguísticos. Freitag, Martins e Tavares (2012) chamam atenção para o destaque e conseqüente debate sobre o impacto que a classificação de Eckert (2012) tem gerado nos estudos da área. De fato, essa temática tem sido abordada em vários trabalhos (CAMACHO, 2010; HORA; WETZELS, 2011; HORA, 2014; VELOSO, 2014, entre outros), como, também, tem-se discutido a proposta sobre o significado social da variação que a autora faz nos estudos de terceira onda. Com efeito, essas discussões parecem-nos bastante produtivas, pois oportunizam novas possibilidades de análise da variação estilística e, conseqüentemente, fazem avançar a ciência.

No que concerne à primeira onda, essa se inicia com a pesquisa laboviana sobre o inglês na cidade de Nova Iorque e, como é sabido, foi essencial para lançar as bases dos estudos variacionistas. Conforme vimos na primeira abordagem apresentada no início dessa subseção, esses estudos tinham um caráter quantitativo e evidenciaram a relação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas, como sexo, idade, nível socioeconômico etc. Ademais, os

trabalhos desse período são os responsáveis por trazer a noção de estilo para dentro dos estudos sociolinguísticos. Desse modo, como explanado anteriormente, o estilo passou a ser visto como um fator condicionante da variação, atrelado aos níveis de formalidade. Assim, de acordo com Eckert (2005, p. 03), a primeira onda se resume da seguinte forma:

- os estudos são realizados em comunidades definidas geograficamente;
- a hierarquia socioeconômica funciona como um mapa do espaço social;
- as variáveis são tidas como marcadores de categorias sociais primárias e carregam traços de prestígio/estigma;
- o estilo é analisado a partir do grau de monitoramento da fala e controlado a partir do prestígio/estigma.

De acordo com Camacho (2010), a segunda onda surgiu a partir dos questionamentos feitos sobre as relações sociais implícitas nas categorias sociais primárias, as quais foram evidenciadas pelas regularidades oriundas da covariação social e linguística. Nessa onda, o tipo de abordagem é caracterizado pelos estudos etnográficos e foca nas categorias sociais das pequenas comunidades de fala. Tal como a primeira onda, são estudos de natureza quantitativa e defendem que a variação está atrelada à identidade social dos falantes. O objetivo dos trabalhos classificados nessa onda é identificar as categorias sociais mais notáveis nessas comunidades.

O estudo realizado por Labov (1977) na ilha de Martha's Vineyard é um exemplo de estudo de segunda onda. Consoante ao que relatamos em momentos anteriores, a explicação para a variação entre os ditongos /ay/ e /aw/ não se encontravam no contexto linguístico, mas as alternâncias eram condicionadas por fatores que se encontravam no contexto social dos informantes, isto é, na identidade e na atitude dos moradores da ilha. Veloso (2014) exprime que esses tipos de pesquisas não tiveram grande extensão nos estudos sociolinguísticos, ao contrário do que podemos observar nos estudos de primeira onda. Desse modo, a segunda onda pode ser assim resumida:

- estudos de cunho etnográfico realizados em comunidades definidas geograficamente;
- as categorias locais servem como pontes para as categorias demográficas;
- variáveis que apontam para categorias localmente definidas;
- estilo como uma identidade local. (ECKERT, 2005, p. 15).

Eckert (2012) considera que os estudos de primeira e de segunda onda se preocupam em descrever a estrutura das comunidades de fala, ou seja, em oferecer um retrato linguístico estático dessas comunidades. Já nos estudos de terceira onda, o foco está em se estudar como a estrutura se adequa ao cotidiano do falante, considerando as restrições sociais e as relações de poder que sobre elas agem. O objetivo é, pois, perceber com mais minúcia o valor social das variáveis.

A terceira onda coincide com a terceira abordagem dos estudos sobre a variação estilística denominada *Speaker Design* (ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002). É um estudo que ainda se encontra em fase preambular no Brasil e estabelece uma mudança de foco da comunidade de fala, privilegiado pelas ondas anteriores, para a comunidade de prática. Essa é entendida como um agrupamento de pessoas com perspectivas em comum e que se engajam em objetivos comuns. Para Eckert (2001), o indivíduo não existe fora da matriz social, mas dela participa e é nela que constrói sua identidade social. A explicação para todo esse processo estaria, assim, na prática estilística. Conforme Veloso (2014), para os estudos de terceira onda, interessa o falante em interação com o grupo do qual faz parte.

Esse modelo de análise da dimensão estilística, para Schilling-Estes (2002), preenche algumas lacunas apontadas nos dois modelos anteriores, como as questões mencionadas por Hora e Wetzels (2011). Nos modelos de atenção à fala e *Audience Design*, a variação estilística era abordada a partir de uma única perspectiva, a do ouvinte, neste modelo, ou a do falante, naquele outro. Além disso, lembremos que a dimensão responsiva era outra crítica que incidia em um desses modelos. Schilling-Estes (2002) expõe os dois pontos a partir dos quais se ergue esse método: (i) a alternância de estilo nos falantes não está ligada apenas, ou, em princípio, aos elementos presentes na situação comunicativa, como a formalidade do evento ou a audiência. Os falantes são ativos e criativos, ou seja, suas escolhas estilísticas são conscientes; (ii) os falantes não têm, apenas, as situações externas para adequar a sua fala, mas esta também pode criar e adequar a situação externa, bem como suas relações com o outro ou suas próprias identidades.

Hora (2014) observa que, até então, a compreensão do estilo nos estudos variacionistas era entendida como uma adequação do indivíduo ao usar as variáveis individuais. No entanto, a partir do modelo proposto por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002), o estilo passa a ser entendido como combinações operadas pelo falante para produzir diferentes maneiras de falar. Desse modo, são essas formas diferentes de falar que dão lugar a construção da *persona*, ou seja, um indivíduo social particular que se localiza explicitamente na ordem social e constitui o foco desse modelo de análise. Hora (2014) afirma, ainda, que essa onda muda os rumos dos estudos da variação, os quais passam a investigar os significados que motivam os desempenhos particulares. Por fim, os estudos de terceira onda apresentam as seguintes características:

- estudos de caráter etnográfico em comunidades de prática;
- as categorias locais se apresentam como resultado da construção de posições em comum;

- as variáveis são indicadoras de posições, atividades, características;
- o estilo é visto como construção da *persona*. (ECKERT, 2005, p. 30).

2 A VARIÇÃO ESTILÍSTICA NO ESTUDO DAS FORMAS DE TRATAMENTO DA LÍNGUA ESPANHOLA

Conforme mencionado na primeira seção desse artigo, a inserção do estilo como uma variável independente nos estudos variacionistas das formas de tratamento, parece dar-se de modo ainda muito incipiente. Encontrar trabalhos, na literatura disponível, que proponham analisar condicionadores ligados a essa variável não é tarefa das mais simples. Desse modo, empreendemos uma consulta a plataformas como Dialnet, um dos maiores portais bibliográficos do mundo e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Consultamos, ainda, a bibliografia sobre os pronomes de segunda pessoa e as fórmulas de tratamento em língua espanhola, organizada por Fernández e Gerhalter (2017). Publicada pela revista *Linguística en la Red*, da Universidade de Alcalá de Henares, essa bibliografia reúne 1524 entradas com estudos dessa natureza entre os anos 1867 a 2016. Por último, percorremos a obra *Formas y Fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (HUMMEL; KLUGE; VÁSZQUEZ LASLOP, 2010), que reúne, em mais de 1.000 páginas, artigos de especialistas na matéria. O resultado dessas consultas confirma a insuficiência de trabalhos que utilizam modelos de análise socioestilísticos atrelados à variação nas formas de tratamento.

Deparamo-nos com alguns trabalhos que abordam a dimensão estilística da variação. Isso parece revelar-nos uma área que, na contemporaneidade, ainda que de modo insuficiente, desenvolve-se com grande pujança. Na literatura, por citar alguns exemplos, há pesquisas que trabalham a variação estilística com aspectos fonológicos, como a pesquisa de Pérez (2007), que analisa a incidência da variável estilo na ocorrência das três variantes do fonema /s/ no espanhol chileno; ou o trabalho de Galián Conesa, Carranza Carnicero e Escudero Sanz (2006), que aborda a variação estilística na aquisição de léxico inicial; e, ainda, o estudo de Cutillas Espinosa (2003), que, utilizando o modelo de análise de Bell (1984), analisa a influência do estilo nos meios de comunicação a partir da fala de um locutor de rádio de uma emissora local, da cidade de Murcia, comparada com o comportamento linguístico de sua audiência, isto é, os ouvintes que ligam para a rádio durante o programa.

No que se refere a pesquisas que analisam o condicionamento de fatores estilísticos na alternância de uma forma de tratamento ou outra, foram pouquíssimos os trabalhos sociolinguísticos que apresentaram esse modelo de análise. Até onde nos foi possível investigar, encontramos o artigo de Aijón Oliva (2009), publicado pela *Revista de Estudios Filológicos – Tonos* e a dissertação de Helincks (2010), na ocasião da obtenção do título de Mestre em Linguística e

Literatura – Neerlandês e Espanhol, pela *Universiteit Gent*. Ressaltamos que, a fim de não limitarmos o já reduzido número desses trabalhos na variedade peninsular do espanhol, optamos por resenhar aqueles em outras variedades desse idioma, como a dissertação supra.

Preocupado com a aparente escassez de trabalhos que explicassem a variação entre *tú* e *usted* a partir de fatores socioestilísticos e cognitivos, Aijón Oliva (2009) empreende um estudo que objetiva analisar algumas estratégias de persuasão da publicidade, em espanhol, considerando o fenômeno de variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa na variedade peninsular desse idioma. A hipótese inicial sustentada pelo pesquisador era a de que a escolha no emprego de uma forma ou outra para se dirigir ao ouvinte não era aleatória, mas, sim, era produto de uma escolha estilística consciente que tinha como objetivo obter uma resposta afirmativa por parte da audiência.

Para viabilizar a pesquisa, Aijón Oliva (2009) utiliza como material de análise o *Corpus de Lenguaje de los Medios de Comunicación de Salamanca* (MEDIASA). Foram analisados 245 textos breves para identificar quais deles marcavam o pronome de tratamento, seja pela própria forma ou através do seu paradigma verbal/pronominal e que tipo de tratamento era dado. Após o descarte dos textos que não utilizavam nenhuma forma de tratamento, o material principal se compôs de 211 textos que utilizavam alguma forma pretendida. Desse número, 133 empregavam o uso de *tú* (63% do total) e 78 utilizaram *usted* (37% do total).

O pesquisador controlou fatores extralinguísticos como idade (até 25 anos, de 25 a 45, de 45 a 65 e acima de 65 anos). Nesse ponto, o objetivo era investigar se havia alguma relação entre a forma de tratamento escolhida e a faixa etária a quem se dirigia o anúncio. Os resultados mostraram o propenso uso de *tú* (100%) com crianças e jovens, por outro lado, *usted* teve 52,8% e 62,5% com adultos maduros e pessoas mais velhas, respectivamente. Para Aijón Oliva (2009), a paternidade pode ajudar a explicar a preferência entre uma forma e outra, visto que nos anúncios dirigidos a pessoas com idade próxima a casar-se, a forma preferida era *tú*, por outro lado, os anúncios que remetiam aos filhos, batismos e primeiras comunhões tendiam para o uso de *usted*.

No que se refere ao nível econômico dos participantes (médio e médio-alto), os dados mostraram que, no nível médio-alto, a frequência de *usted* (60,5%) sobressaiu-se a *tú* (39,5%). Nos anúncios que transmitiam características estilísticas de luxo, por exemplo, a forma *usted* foi amplamente a mais preferida, o que comprovou a pressão do poder aquisitivo sobre as formas de tratamento. Por outro lado, sobre o fator sexo dos informantes, o uso de *tú* (68%) foi maior nos anúncios dirigidos ao sexo feminino e *usted*, com 62,5%, para o sexo masculino. O pesquisador acredita que, no primeiro caso, o uso dessa forma deve-se ao desejo de potencializar a solidariedade grupal com as ouvintes e, no segundo, à tentativa de passar uma imagem de experiência e de profissional.

Aijón Oliva (2009) relacionou ainda as formas de tratamento com os principais valores de imagem que o produtor do anúncio pretendia transmitir. Deste modo, na análise dos textos, o pesquisador encontrou nove dimensões ou características semânticas das empresas anunciantes e dos produtos. São elas: *alta*

qualidade, preço reduzido, facilidades e promoções, variedade, experiência, novidade, renovação, tradição e autenticidade, diferencial e luxo. Observou-se, nos dados, que quando a imagem passada era de *qualidade, experiência* ou *profissional, tradição e luxo*, o uso majoritário era *usted* em vez de *tú* quando se queria transmitir o diferente ou moderno.

Uma última correlação estabelecida nesse estudo foi a de *tú* e *usted* com o âmbito da atividade social presente no anúncio. O pesquisador estabelece, então, dez categorias: *automóveis, eletrônica e informática, hotelaria, móveis e decoração, ócio e espetáculos, publicidade informativa, roupa e complementos, serviços, supermercados e alimentação e moradia.* Ainda que o tipo de produto oferecido não fosse tão determinante, os dados demonstram, por exemplo, que nos setores de *ócio e espetáculos*, dado o caráter lúdico, o uso de *tú* foi bem maior que o de *usted*. Portanto, Aijón Oliva (2009) concluiu que a escolha entre as formas mencionadas não é fortuita e o perfil do consumidor não é o único condicionador presente, mas também depende do publicitário que maneja as circunstâncias do ato comunicativo, pois este objetiva alcançar o efeito pretendido no público alvo do anúncio.

Helincks (2010), por sua vez, analisa o uso do fenômeno linguístico *voseo* frente ao *tuteo* e *ustedeo*, isto é, o uso de *vos* frente a *tú* e *usted*, respectivamente, na fala espontânea e planejada da televisão chilena. Considerando, por um lado, a dimensão estilística da variação, a autora empreende uma análise quali-quantitativa a partir de 12 gêneros televisivos que lhe permite determinar em que medida o *voseo* é aceito social e estatisticamente na televisão, bem como identificar os valores atribuídos a esse fenômeno que o faz ser escolhido, pelo falante, em detrimento das outras formas.

Cumprе ressaltar que o estilo, nesse estudo, é analisado no âmbito da fala menos formal a mais formal. Era objetivo da autora investigar a aprovação, pelos grupos sociais, do uso do *voseo* em gêneros/estilos dentro desse *continuum* de formalidade. Ademais, analisou-se a influência da quantidade de atenção, a variedade dos ouvintes e a criatividade pessoal, na escolha por *usted*, *tú* ou *vos*.

O material para análise foi escolhido arbitrariamente, a partir de quatro programas da televisão chilena. Os gêneros selecionados foram os seguintes: *notícia, reportagem, debate político, programa de conversa noturna + imitação humorística, programa de conversa matinal, programa juvenil de competição, reality, programa infantil: vários gêneros, telenovela, filme e monólogo humorístico.* O número de informantes não é expresso na pesquisa, mas Helincks (2010) assevera que os dados obtidos foram bastante representativos para manter a confiabilidade da análise. Para proceder com a análise quantitativa, a autora estratificou os informantes em sexo (feminino e masculino) e idade (de 0 a 30 anos, de 30 a 60 e acima de 60).

No tocante aos resultados quantitativos, os dados encontrados por Helincks (2010) revelam a importância do grau de formalidade para expressão do *voseo*. Nos programas classificados como espontâneos, quanto mais informal aparentava ser o programa, maior era o uso de *vos*. O público para o qual era dirigido determinado programa também condicionava fortemente o *voseo*. A autora

acrescenta que esse aspecto pode estar relacionado com o grau de formalidade, por exemplo, programas com um público alvo mais jovem possuem um grau de formalidade mais baixo.

O *ustedeo* deu-se de maneira bastante elevada nos gêneros *notícia* e *debate político*. Novamente, por tratar-se de um gênero formal, a autora afirma que uso esperado seja de formalidade e expressões de mais intimidade seja um trato inusual. No entanto, registrou-se um percentual de 57,45% do uso de *tuteo* no gênero *notícias* e 17,28% no gênero *debate político*.

Os *programas infantis* apresentaram um baixo uso do *voseo*, o que, segundo a autora, justifica-se pela linguagem planejada, visto que esses tipos de programas também objetivam ensinar valores e normas e estão intimamente ligados com o que se ensina nas escolas. Desse modo, a pesquisadora acredita que os produtores desses programas não aceitam o *voseo* por não ser uma forma de prestígio. Nesse gênero, registra-se o maior uso do *ustedeo* (26,39%) em comparação com os outros gêneros, o que parece revelar que esses produtores desejam ensinar as formas de cortesia para as crianças.

O *programa noturno* faz um maior uso de *voseo* que o *programa matinal*. Helincks (2010) pondera que essa questão está atrelada ao horário que o programa é emitido. O *programa noturno* tem uma maior audiência, enquanto que o *matinal* precisa atrair mais o público e, para isso, deve lançar mão de estratégias, entre elas, o uso da linguagem para criar uma situação de solidariedade com o público. O *programa juvenil* registrou 43,26% de *voseo* e o *programa reality*, 67,92%. O *voseo* é característico da fala dos jovens, o que justifica a porcentagem do primeiro e, no segundo, por ser um programa que imita as situações cotidianas, apresenta um contexto de interações informais. Por sua vez, os programas planejados (*humorísticos*) apresentaram 30% de uso de *vos*. Foi um dado curioso para a autora, uma vez que se baseiam em um texto previamente escrito e, portanto, possuem um maior grau de atenção. No entanto, a autora acredita que isso se deva ao desejo de passar uma naturalidade nas cenas.

A autora conclui que o *voseo* é possível em quase todos os estilos. O gênero *notícia* foi o único que, apesar da porcentagem de uso de *tú* ao lado do *ustedeo*, não tolera o uso de *vos* verbal. Outro dado relevante é a aparição, em todos os estilos, do *voseo* na ficção apenas para jovens e adultos, o que, para Helincks (2010), revela a complexidade do uso desse fenômeno no significado pragmático e social no Chile. Ressaltamos que, em nome da brevidade e do espaço, não discorreremos exaustivamente sobre o estudo aqui resenhado, uma vez que a autora se detém em outros aspectos que fogem aos interesses deste trabalho, mas recomendamos, fortemente, a sua consulta.

Por fim, como já nos referimos anteriormente, o quantitativo de trabalhos que usam a variação estilística para explicar a alternância entre formas de tratamento no mundo hispano ainda é visivelmente pequeno. Não descartamos a possibilidade de que existam outros estudos que lidam diretamente com a dimensão estilística da variação, no entanto, após uma incursão em consideráveis e prestigiadas fontes bibliográficas, só tivemos acesso aos trabalhos acima mencionados. Diante disso, propomos a seguir algumas possibilidades de análise

de variação estilística entre as formas de tratamento *tú* e *usted* que, advertimos, trata-se de uma proposta a ser aplicada em análises futuras. Todavia, guardadas as suas características, o presente trabalho é um estímulo para o avanço da ciência.

3 PROPOSTA PARA ANÁLISE METODOLÓGICA DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA NAS FORMAS DE TRATAMENTO *TÚ* E *USTED*

É truísmo que a análise de fenômenos linguísticos requer a consulta de um *corpus* para a validação de seus resultados. No tocante ao tipo de *corpora* utilizados nas pesquisas que tratam da variação entre as formas de tratamento no mundo hispano, Calderón Campos e Medina Morales (2010) são categóricos ao afirmar que todos os trabalhos, até aquele momento, utilizam questionário para a coleta de dados. De fato, no que se refere a estudos que analisam padrões de variação estilística nas formas de tratamento a partir de dados de fala são, também, bastante limitados. Por outro lado, já há consideráveis registros de análise de outros fenômenos em tópicos e níveis diferentes da língua, como, por exemplo, a pesquisa de doutorado de Buzón García (2013) sobre a expressão da futuridade no espanhol de Valência, Espanha, que utiliza *corpus* de língua oral. Portanto, estudos como esses são basilares para que se proponham novas metodologias de análise estilística quando se trata das formas de tratamento e, desse modo, possamos preencher, minimamente, a lacuna evidenciada pelos autores supra.

Isso posto, estabelecemos a entrevista sociolinguística como o método de coleta mais idôneo para captar a variação estilística nas formas de tratamento. Ademais, como já nos referimos, essa técnica de obtenção de dados foi instituída por Labov, como o *locus* para o estudo sistemático da variação, visto que ela é um meio através do qual o investigador consegue obter o vernáculo do falante, ou seja, a fala mais casual a qual também é o lugar da variação. Coincidimos, igualmente, com Sampedro Mella (2015) ao optar por esse tipo de recurso metodológico por ser ele um gênero híbrido, possuindo características de uma conversa espontânea e de entrevista prototípica que viabiliza o aparecimento da fala menos monitorada.

Na atualidade, caso haja a impossibilidade de compilação de um *corpus*, existe um número considerável de *corpora* cujo acesso pode dar-se de forma gratuita ou mediante pagamento. No âmbito da língua espanhola, é imperioso destacar o macrocorpus PRESEEA, acrônimo para *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*. Esse é um projeto que tem como objetivo reunir um grande número de *corpora* orais que sejam sociolinguisticamente representativos e de interesse para diferentes pesquisadores das diferentes áreas da Linguística. Desse modo, esse projeto pretende viabilizar estudos com diversas perspectivas em cidades ibero-americanas e espanholas.

O PRESEEA conta com várias equipes de investigação em países como Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos (Miami), Guatemala, México, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, Venezuela, entre outros². No tocante à Espanha, cidades como Alcalá de Henares, Granada, Málaga e Valência já

possuem *corpus* publicado; Madrid, no momento da escrita desse artigo, está em fase de publicação e outras cidades como Las Palmas, Cádiz, Lérida, Mérida, Santiago de Compostela, Barcelona, Sevilla, Zaragoza, Oviedo, Palmas de Mallorca e Santander estão em fase de coleta e/ou transcrição de dados. Como podemos observar, o número de comunidades linguísticas para análise é bastante considerável.

Uma vez selecionado o *corpus*, espera-se que o pesquisador submeta os dados da amostra a um tratamento estatístico, pois, segundo Guy e Zilla (2007), a variação linguística não pode ser explicada tomando como base apenas uma análise qualitativa. Sendo assim, recomendamos que a etapa de rodagem das ocorrências encontradas se realize através da utilização do software GOLDVARB (de 2005), do conjunto de programas computacionais VARBRUL, do inglês, *Variable Rules Analysis*. Essa ferramenta é bastante exitosa nos estudos variacionistas porque foi desenhada, segundo os autores acima, para lidar com dados de variação sociolinguística e realizar uma análise multivariada.

Neste ínterim, apresentamos algumas variáveis independentes, atribuídas aos interlocutores que participam em uma interação verbal, e que podem exercer influência na predileção, por esses indivíduos, no uso de *tú* ou *usted*. Os dados da amostra deverão ser categorizados de acordo com os fatores apresentados para, finalmente, passar por uma análise estatística. Destarte, sugerimos como variáveis de controle: *estilo discursivo, complexidade do assunto e relação de proximidade entre os interlocutores*.

a) Estilo discursivo

Para Van Dijk (1990, p. 112), “*El estilo discursivo es el conjunto de detalles estilísticos específicos que se asocian con un género de discurso específico (la conversación, los acontecimientos cotidianos, una ley o el hecho de hablar en público)*”³. O subcorpus PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*), que compõe o PRESEEA, reconhecendo a entrevista como um gênero do discurso oral, estabelece uma dimensão estilístico-textual, considerando também como fatores estilísticos cinco tipos de sequências textuais: *narrativo, expositivo, descritivo, argumentativo e dialogal*.

Sabemos que a entrevista possui uma dimensão discursiva e propósitos comunicativos bem definidos. Esses últimos, juntamente com os tipos textuais, são considerados em vários estudos como partes essenciais da composição dos gêneros do discurso. Avendaño de Barón (2014), por citar um exemplo, destaca a importância de se abordar a variação discursiva nos estudos sociolinguísticos e pragmático-linguísticos, como uma forma de entender as dinâmicas sociais e culturais presentes. A autora estudou a frequência de uso das variantes *sumercé, usted* e *tú*, na comunidade de fala de Tunja, Colômbia. Além das variáveis *sexo, idade e escolaridade*, a pesquisadora analisou a frequência dessas formas nos seguintes tipos de discurso: *narrativo, expositivo, argumentativo e descritivo*, em 54 entrevistas do corpus PRESEEA de Tunja.

Essa variável tem se mostrado bastante relevante nos estudos variacionistas. Na referida pesquisa, apesar de não oferecer uma porcentagem de uso dessas formas em cada tipo de discurso, aos dados revelaram que tanto homens (77%) quanto mulheres (62,8%) fazem mais uso de *usted* nos distintos tipos de discurso, seguido por 22% e 30,5%, respectivamente, de uso de *tú* e 0,49% e 6,58%, respectivamente, de *sumercê*. Por essa razão, recomendamos o seu controle a fim de se descobrir padrões de variação estilística entre as formas pronominais aqui propostas.

b) Complexidade do assunto

A variável em tela tem se mostrado significativa nas rodadas estatísticas em estudos variacionistas no Português Brasileiro, entre eles, citamos a pesquisa de Freitag (2003) sobre a variação entre o marcador de opinião *acho (que)* e de percepção *parece (que)* que competem para expressar a mesma função semântico-discursiva de dúvida na fala de Florianópolis. A autora considerou que determinados assuntos eram genericamente mais complexos para o informante, como: *política e economia, saúde e droga* etc. Por outro lado, era possível que fossem genericamente menos complexos temas como: *lazer, infância, trabalho* etc. Os resultados apontados pelo programa estatístico utilizado foram de 74% de uso do marcador de dúvida em temas menos complexos e, quando mais complexos, a forma *parece* foi mais utilizada com peso relativo de 0,61.

Na visão de Freitag (2003), considerar um tema complexo, ou não, é uma tarefa delicada. No entanto, a configuração das entrevistas sociolinguísticas, ou seja, comumente seguem um roteiro mais ou menos elaborado que aborda distintos temas ou núcleos temáticos com o objetivo de fazer surgir o vernáculo do entrevistado, viabiliza o controle dessa variável estabelecendo como fatores, por exemplo, *assuntos mais complexos e menos complexos*, tal como em Freitag (2003).

Ponderamos, portanto, que o uso dessa variável com o propósito de verificar se há alguma correlação com o tipo de assunto abordado e a forma pronominal utilizada é imprescindível para o estudo das formas de tratamento *tú* e *usted* em uma perspectiva estilística. Aparentemente, não há trabalhos dessa natureza, em língua espanhola, que considerem essa variável independente.

c) Relação de proximidade entre os interlocutores

É fato que a teoria sustentada por Brown e Gilman (1960) de uma mudança em progresso na forma de tratamento tem sido evidenciada em vários estudos variacionistas. Morín, Almeida e Rodríguez (2010) estudaram a variação e mudança no sistema pronominal de tratamento no espanhol das Ilhas Canárias e observaram uma mudança nas relações assimétricas em direção a relações mais simétricas. Esse estudo foi realizado em três âmbitos sociolinguísticos, a saber: *familiar, de trabalho e social ou público*. Em todos os âmbitos ficou evidente que as

relações de poder *tú – usted / usted - tú* progrediam para relações de solidariedade *usted – usted / tú – tú*.

Em face das considerações aduzidas, propomos o controle da variável em questão com o objetivo de verificar se a referida mudança se estabelece em outras comunidades linguísticas no âmbito da variedade peninsular. Para isso, é fundamental que o pesquisador tenha acesso à ficha técnica das entrevistas que comporá sua amostra ou, em caso de compilação de um *corpus*, é interessante que as informações do entrevistador e/ou entrevistados sejam suficientemente completas para que aquele possa proceder, posteriormente, com as relações estabelecidas entre esses indivíduos. *Corpus* como o PRESEVAL, *Corpus de Conversaciones Coloquiales*, da cidade de Valência, e *El español hablado en Granada, Corpus oral para su estudio sociolingüístico*, são *corpora* que apresentam uma ficha técnica bastante completa que facilitam o trabalho do pesquisador.

Alguns *corpora*, como os citados acima, oferecem ao pesquisador a relação existente entre os interlocutores ou, na ausência dessa informação, uma saída, de grande relevância metodológica, é a construção de uma variável complexa (VALLE; GÖRSKI, 2016). Em outras palavras, há a possibilidade de se agrupar um conjunto de variáveis independentes na composição de uma variável para medir o *grau de proximidade entre os interlocutores*. Isso é viável relacionando, por exemplo, as variáveis sociais como *sexo, idade e escolaridade* entre entrevistador e entrevistado, atribuindo uma pontuação diferente quando houvesse maior ou menor proximidade. O somatório dos pontos de cada variável resultaria em um índice numérico que seria atribuído a fatores de refinamento dessa variável complexa. Para medir o grau de complexidade, sugerimos, por exemplo, os fatores refinados por Valle e Görski (2016): *distanciamento, proximidade intermediária e proximidade alta*. Observemos o quadro restritivo a seguir:

Quadro 1 – Variável grau de proximidade entre os interlocutores

Pontuação	Simetria de idade
2	Entrevistado pertencente à mesma faixa etária do entrevistador.
1	Entrevistado de faixa etária diferente.
Simetria de escolaridade	
2	Entrevistado pertencente ao mesmo nível de escolaridade do entrevistador.
1	Entrevistado com nível de

	escolaridade	abaixo	do
	entrevistador.		
Simetria de sexo			
2	Interlocutores com mesmo sexo.		
1	Interlocutores	com	sexo
	diferente.		

Fonte: Elaborado pelos autores.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, entendemos que trabalhar desde a perspectiva da variação estilística nos permite contribuir com uma área que, antes não priorizada, encontra-se em fase de (re)desenho de modelos metodológicos. Apesar das insuficientes propostas de pesquisa, percebe-se um crescente interesse em estudos variacionistas caracterizados pela nova abordagem estilística proposta por Eckert com foco no significado social da variação e que têm sido identificados pela autora como estudos de terceira onda. Esses estudos, fazendo coro a Freitag (2014), oportunizam uma mudança de foco dos estudos sociolinguísticos e trazem à baila questões de estilo não só sobre como as pessoas utilizam as variantes como recursos estilísticos, mas colocam em evidência o porquê e os contextos em que esses recursos são usados.

Nesse sentido, propomos algumas variáveis estilísticas como *estilo discursivo*, *complexidade do assunto* e *relação de proximidade entre os interlocutores* que podem condicionar a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*, posto que a literatura sobre essa temática carece, como apontado, de estudos dessa natureza. Insta esclarecer a possibilidade de análise de outras variáveis que, por questões de espaço, não foram contempladas. O *corpus* PRESEVAL, por citar um exemplo, disponibiliza outras informações como *profissão*, *condições de alojamento*, *nível de renda*, *nível sociocultural* e *modo de vida* que, com um manejo mais acurado dos dados, podem ser analisados como variáveis estilísticas. Por fim, reiteramos que a proposta, ora em voga, possui um caráter hipotético, haja vista que não foi aplicada e testada. Verificar a influência das variáveis aqui apresentadas na alternância entre as formas *tú* e *usted* no espanhol peninsular, é o nosso próximo empreendimento. Esperamos, igualmente, que essa proposta sirva de base para que estudos dessa natureza sejam replicados, ampliando, assim, as discussões e reflexões e oportunizando novas possibilidades de análise da variação estilística nas formas de tratamento no mundo hispano.

Notas

¹ “A variação estilística na fala de um indivíduo deriva e ecoa a variação que existe entre falantes na dimensão ‘social’” (Tradução nossa).

² A lista completa de países e cidades que compõem o PRESEEA pode ser conferida, em sua página, através do link: <<http://preseea.linguas.net/Equipos.aspx>>.

³ “O estilo discursivo é o conjunto de detalhes estilísticos específicos que se associam com um gênero do discurso específico (a conversação, os acontecimentos cotidianos, uma lei ou o fato de falar em público)” (Tradução nossa).

Referências

AIJÓN OLIVA, M. A. Tú y usted como estrategias de estilo y persuasión en la comunicación publicitaria. *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, Murcia, n. 18, dez. 2009.

AVENDAÑO DE BARÓN, G. S. Formas pronominales de tratamiento y cortesía en el habla de Tunja, Colombia. *Folios*, Bogotá, n. 39, p. 31-49. 2014.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.

BUZÓN GARCÍA, J. M. *La expresión de la futuridad en el español de Valencia*. 2013. 890f. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos Avançados) – Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació, Universitat de València, València, 2013.

CALDERÓN CAMPOS, M.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 195-222.

CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *Delta*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 141-162, 2010.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

CUTILLAS ESPINOSA, J. A. Variación estilística en los medios de comunicación: una aproximación contrastiva a la teoría del diseño de la audiencia. *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, Murcia, n. 5, abr. 2003.

DANTAS, W. S.; GIBBSON, A. O. A abordagem de estilo de fala narrativa na proposta da “árvore de decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Plenary talk. *Annual meeting of the Linguistic Society of America*, San Francisco, 2005.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, 2001.

FERNÁNDEZ, M.; GERHALTER, K. Pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español: una bibliografía (1867 – 2016). *Revista de Lingüística en la Red*, Alcalá de Henares, n. XIV, p. 1-161, 2017.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Los sistemas pronominales de segunda persona em el mundo hispano. Homenaje a Rodolfo Oroz Scheibe en el centenario de su natalicio (1895-1995). *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, v. 35, n. 1, p. 152-162, 1999.

FREITAG, R. M. K. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. 2003. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p.123 - 139.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GALIÁN CONESA, M. D.; CARRANZA CARNICERO, J. A.; ESCUDERO SANZ, A. J. Variación estilística en la adquisición del léxico inicial. *Anales de Psicología*, Murcia, v. 22, n. 1, p. 98-104, jul. 2006.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HELINCKS, K. *La variación estilística y social del voseo chileno*. 2010. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura – Neerlandês e Espanhol) – Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Universiteit Gent, Gent, 2010.

HORA, D. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.

HORA, D.; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188, 2011.

HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.

- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The social stratification of a sound change (1963). In: LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977. p. 43-72.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEFEBVRE, C. As noções de estilo. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 203-236.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- MORÍN, A; ALMEIDA, M; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 717-734.
- PÉREZ, H. E. Estudio de la variación estilística del fonema /s/ en posición implosiva en el habla de los noticieros de la televisión chilena. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, v. 45, n. 1, p. 101-115, jan./dez. 2007.
- SAMPEDRO MALLA, M. Las formas de tratamiento en un corpus de entrevista semidirigidas de español de Galicia. *Revistas de Estudios Lingüísticos de la Universidad de Alicante*, Alicante, n. 30, p. 319-344, 2015.
- SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. In: SCHILLING-ESTES, N.; CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 375-401.
- VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. A construção de uma variável estilística complexa para medir a configuração da entrevista sociolinguística. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 30-45, maio/ago. 2016.
- VAN DIJK, T. A. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Tradução de Guillermo Gal. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.
- VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 12, 2014, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ALFAL, 2014. p. 345-359.

Para citar este artigo

PONTES, Valdecy de Oliveira; LIMA, José Victor Melo de. Proposta de análise estilística para o estudo da variação entre as formas de tratamento tú e usted. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 143-166, jan.-abr. 2018.

Valdecy de Oliveira Pontes possui licenciatura plena em Letras Português / Espanhol pela Universidade Federal do Ceará (2006), especialização em Linguística Aplicada pela Faculdade Sete de Setembro (2009), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (2009), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2012) e pós-doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). É Professor Adjunto III na graduação em Letras-Espanhol/ Letras-Português/Espanhol e docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) e Estudos da Tradução (POET), ambos da Universidade Federal do Ceará.

José Victor Melo de Lima é graduado em Letras – Língua Portuguesa e Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Ensino de Língua Espanhola pela Universidade Estácio de Sá e mestrando em Linguística pela UFC (PPGL – UFC). Em 2013, foi professor substituto do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC e, atualmente, é professor de Língua Espanhola no Instituto Federal do Ceará – Campus de Canindé. Atua, também, como professor-tutor à distância do Curso Semipresencial de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com a Universidade Federal do Ceará através do Instituto UFC Virtual. Durante o ano 2012, foi bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PID), exercendo a função de monitor das disciplinas Espanhol I e II: Língua e Cultura do Curso de Letras da UFC.